

## **Geoconservação, geodiversidade e geoturismo com foco em educação**

***Laryssa Sheydder de Oliveira Lopes***

MOREIRA, J. C. **Geoturismo e interpretação ambiental**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011. 157 p.



O livro *Geoturismo e interpretação ambiental* possui um conteúdo abrangente sobre geoconservação, geodiversidade e geoturismo com foco voltado para práticas educativas e interpretativas. É fruto de uma pesquisa da autora, premiada com a Menção Honrosa do Prêmio Capes de Tese no ano de 2010.

Dividida em três capítulos, a obra é rica em ilustrações e fotografias, analisa diversos exemplos nacionais e internacionais de meios de divulgação e interpretação do patrimônio geológico e possui uma extensa lista de referências bibliográficas. É um excelente material de consulta para o planejamento da atividade geoturística.

No primeiro capítulo a autora apresenta, de acordo com a Organização Mundial de Turismo, a

definição de turismo como sendo uma atividade em que as pessoas deslocam-se de seu ambiente usual para lugares afastados, por motivos variados (lazer, negócios, dentre outros), durante um espaço de tempo menor que um ano. Em seguida são apresentadas algumas características desta atividade, como a segmentação do turismo em áreas naturais (aventura, ecoturismo, turismo rural, agroturismo e outros), assim como dados estatísticos de seu desenvolvimento no Brasil.

O crescimento do turismo de natureza é devido, principalmente, à importância que tem sido dada às questões ambientais. A autora reforça a necessidade de serem revistas as estratégias de desenvolvimento da atividade visando buscar um maior aproveitamento do patrimônio natural e cultural do Brasil, assim como o desenvolvimento econômico e social das comunidades envolvidas.

Ainda no primeiro capítulo é apresentado o geoturismo, um novo segmento da atividade turística desenvolvido principalmente em áreas naturais. Enquanto o ecoturismo apresenta uma forte relação com os aspectos da biodiversidade, no geoturismo, os aspectos ligados à geologia e geomorfologia são o foco. É dada uma ênfase à conservação, educação e interpretação dos aspectos abióticos do planeta.

A definição de geoturismo é, portanto, a disponibilização de serviços e meios

interpretativos, que promovem benefícios sociais nos locais que apresentam valores geológicos e geomorfológicos relevantes, assegurando sua conservação. São apresentados os países em que estão desenvolvendo atividades geoturísticas e os estados brasileiros onde já existem projetos voltados para esta atividade.

Para finalizar, a autora apresenta quatro etapas, adequadas à realidade brasileira, para o planejamento do geoturismo: o inventário dos locais de interesse geológico; a definição de objetivos e metas para organização do geoturismo; posteriormente, o desenvolvimento de ações tomando como base a etapa anterior; e por fim, o gerenciamento, avaliação e monitoramento constante para a efetivação da atividade.

No segundo capítulo a autora aborda o conceito de patrimônio geológico, delineando os objetivos e razões para sua proteção. É ressaltada a importância da conservação da geodiversidade, que esteve relegada a um segundo plano quando comparada com a biodiversidade. São indicados os valores da geodiversidade: intrínseco, culturais, estéticos, econômicos, funcionais e de pesquisa/educacionais.

É destacada a importância das Unidades de Conservação, consideradas como instrumentos importantes para a pesquisa, educação ambiental e para o desenvolvimento econômico regional. No Brasil, as Unidades de Conservação possuem um grande potencial para o turismo e apesar de não serem, em sua maioria, criadas devido às suas características geológicas e geomorfológicas, estes elementos são os principais atrativos turísticos. Neste contexto, é destacado o plano de manejo, um documento técnico que estabelece as normas de uso e o zoneamento das Unidades de Conservação.

Em seguida a autora destaca algumas iniciativas em âmbito internacional para a conservação do patrimônio geológico, dando ênfase aos geoparques. Estes são definidos como uma área com limites bem definidos e que abrange um determinado número de sítios geológicos e que sirva de apoio ao desenvolvimento econômico da região. Em 2004 foi oficialmente criada a Rede Global de Geoparques, onde também foram reconhecidos todos os geoparques da Rede Européia. São relacionadas as etapas de criação de uma Rede de Geoparques, destacando os benefícios de integrar a Rede uma vez que proporciona meios de cooperação e de troca de experiências entre especialistas de diversas áreas.

Para finalizar o capítulo, são apresentadas as principais iniciativas de proteção ao patrimônio geológico no Brasil, com destaque ao Geopark Araripe, o primeiro geoparque do continente Americano. São apresentadas também outras áreas com potencial para a criação de geoparques e que já se mostraram como candidatas a integrarem a Rede Global de Geoparques, são elas: Campos Gerais (PR); Serra da Bodoquena-Pantanal (MS) e o Alto Vale do Ribeira (SP). A criação de uma Rede de Geoparques no Brasil é a primeira iniciativa de integração entre as Américas. Os primeiros trabalhos para a constituição da Rede foi iniciado no ano de 2010, a partir da criação de um Grupo de Trabalho sob os auspícios do Ministério da Integração Nacional.

No terceiro capítulo é discutido o papel na educação ambiental como um meio dos indivíduos terem uma orientação acerca da conservação e uso racional dos recur-

sos naturais. Arelado à educação ambiental é abordado o conceito de geoeeducação, uma parte fundamental das atividades geoconservacionistas, uma vez que o patrimônio geológico também é uma ferramenta pedagógica. Apesar disso, a sociedade ainda não é sensível aos elementos abióticos da natureza, seja por falta de conhecimento ou por falta de material educativo.

A interpretação ambiental é fundamental para o bom desenvolvimento da educação ambiental uma vez que através de suas técnicas didáticas é capaz de traduzir a todo tipo de público os significados e importância do patrimônio natural de maneira atrativa e prazerosa. Desta forma, a autora elenca alguns meios interpretativos classificados como personalizados (trilhas interpretativas conduzidas; excursões e roteiros geoturísticos; palestras) e não-personalizados (trilhas autoguiadas; painéis interpretativos; material impresso – guias de campo, *folder's*, cartão postal – material audiovisual; guias portáteis; *websites*; museus e exposições em centros de visitantes). Os primeiros estabelecem uma interação entre o público e o intérprete e o segundo não fazem uso de um intérprete, apenas de objetos ou aparatos.

Além dos meios interpretativos, a autora estabelece algumas ações educativas importantes para a interpretação ambiental: o estabelecimento de pontos de interesse geodidático; capacitação de condutores no que diz respeito aos aspectos geológicos e geomorfológicos do local visitado; e propostas geoeeducativas como atividades lúdicas a serem desenvolvidas em nível de ensino básico, saídas de campo, confecção de *kits* pedagógicos e a realização de cursos e eventos.

Para finalizar, a autora alerta para a necessidade de preparar as Unidades de Conservação no que diz respeito aos meios interpretativos uma vez que a rica geodiversidade brasileira dota o país de um grande potencial para a realização de atividades com fins científicos, educativos e turísticos. Espera-se que o desenvolvimento destas atividades possa fortalecer a conservação e o desenvolvimento econômico sustentável da região.

**Laryssa Sheydder de Oliveira Lopes:** Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

Email: sheydder@yahoo.com.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3882099776086377>

Data de submissão: 05 de maio de 2012

Data de recebimento de correções: 15 de maio de 2012

Data do aceite: 16 de maio de 2012

Avaliado anonimamente